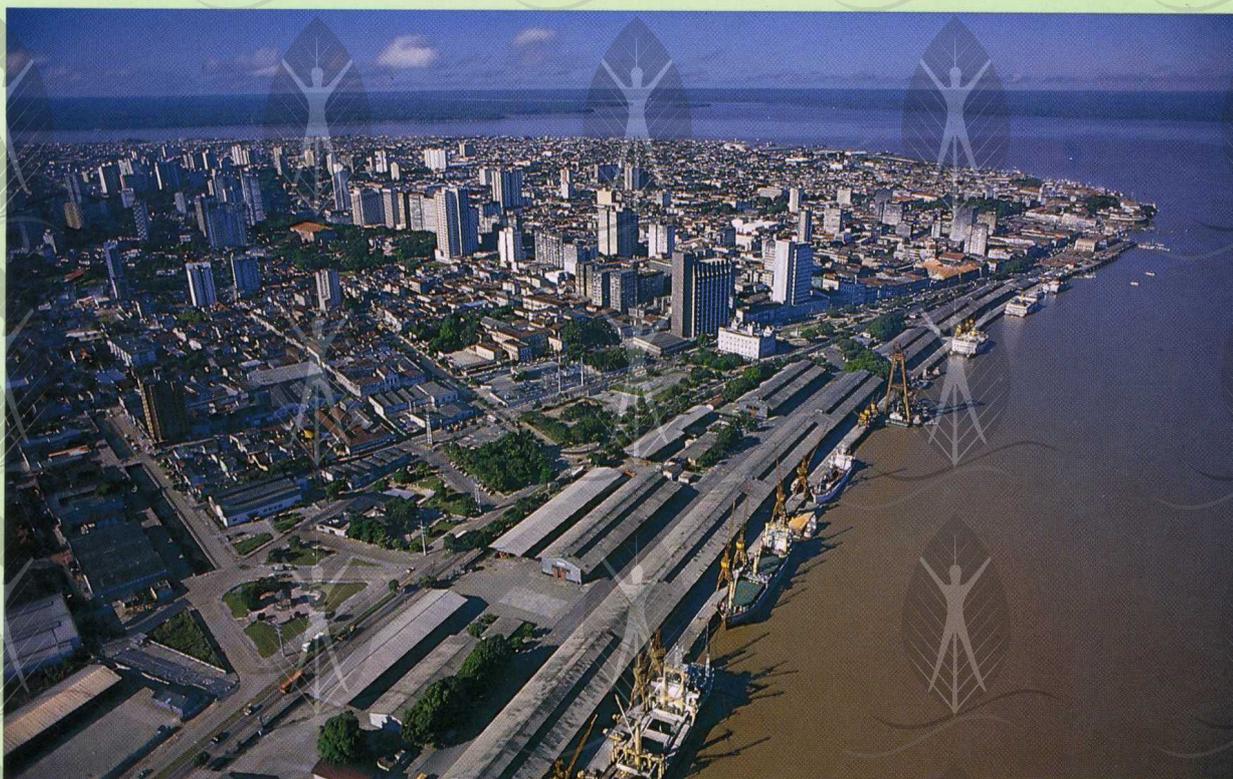


# **70 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NA AMAZÔNIA**

(Baseado no livro comemorativo aos 60 anos da Imigração Japonesa na Amazônia,  
editado em setembro de 1994)



Belém

**ASSOCIAÇÃO PAN-AMAZÔNIA NIPO-BRASILEIRA**

# ÍNDICE

## Primeira Parte

### ► Edição Especial - Memórias da época

O imigrante do pós-guerra e o tomate enxertado .....	Issao Kitagawa .....	1
A experiência fracassada da colônia do Guamá .....	Masaru Inoue .....	4
Recordações da época da colonização .....	Makio Oe .....	7
O Nantaku e eu .....	Takato Manei .....	9
A minha juventude na ilha Estebo .....	Uchu Yasui .....	10
A grande inundação de 1953 .....	Kiyoko Harada .....	14
Pertenci ao 2º contingente da imigração Nantaku .....	Takeshi Kato .....	17
Pessoas da minha família .....	Shizuyo Hashiguchi .....	19
A juta transplantada da Índia .....	Kohei Tsuji .....	20
A caça era a razão da minha vida .....	Takaya Fujihashi .....	25
O Amazon Country Club - fundação e atualidades .....	Yoshihiro Kitajima .....	26
O origami e eu .....	Tokutaro Yamagiwa .....	28
O pessoal da mídia da época .....	Susumu Gosso .....	29
O campeonato de beisebol .....	Toshiaki Honda .....	31
O casal Renkichi Hiraga .....	Etsuko Watanabe .....	33
Pessoas .....	Ken-ichiro Motoki .....	34
Minha experiência no garimpo .....	Shigehiro Takano .....	39
A idade de ouro da pimenta .....	Masami Oshikiri .....	41

► História dos 60 anos da imigração japonesa na Amazônia .....		43
A pré-história da imigração japonesa na Amazônia .....	Gota Tsutsumi .....	124
O período da fundação da Associação Pan-Amazônia Nipo-Brasileira .....	Yoshio Maruoka .....	128
Histórico resumido da Beneficência Nipo-Brasileira da Amazônia .....	Hajime Owtake .....	131

## Segunda Parte

Memória do período até a Comemoração dos 60 Anos .....	Heiji Sato .....	133
Reportagem fotográfica - Aspectos da Comemoração dos 60 Anos da Imigração Japonesa .....		137

### ► Atualidades das colônias japonesas nos estados da região Amazônica

Estado de Roraima .....		143
Estado do Pará .....		146
Cidade de Belém .....		146
Colônia de Coqueiro .....		148
Colônia de Tapanã .....		149
Colônia de Ananindeua .....		150
Colônias de Benevides e Moema .....		150
Colônias de Santa Isabel e Santo Antônio .....		151
Colônia de Castanhal .....		153
Colônia do Guamá .....		155
Colônia de Abaetetuba .....		156
Colônia de Acará .....		157
Colônia de Igarapé-Açu .....		158
Colônia de Santa Maria .....		158

Colônia de Nova Timboteua.....	159
Colônia de Capitão Poço .....	159
Colônia de Capanema .....	160
Colônia de Tomé-Açu .....	161
Colônia de Santarém.....	170
Colônia de Monte Alegre.....	172
Colônia de Altamira .....	174
Estado de Rondônia .....	176
Colônia de Treze de Setembro .....	178
Colônia do Ariquemes e Ji-Paraná.....	179
Estado do Maranhão .....	180
As Colônias ao redor de São Luiz .....	181
Outras regiões - Imperatriz, Balsas, Timão .....	182
Estado do Piauí.....	183
Estado do Amapá.....	185
Estado do Acre.....	188
Estado do Amazonas .....	194
As Colônias ao redor de Manaus.....	196
Colônia de Bela Vista .....	197
Colônia Efigênio de Salles.....	198
Colônia de Cachoeira Grande .....	199
A Região do médio Amazonas.....	200

### **Terceira Parte**

► <b>Reportagem fotográfica</b> - Atividades dos Nikkeis na Amazônia ( fotos de Miguel Chikaoka).....	210
► <b>A Amazônia</b> .....	214
Primórdios - O rio Amazonas - A bacia Amazônica - O povo da Amazônia - A fauna e A flora - Pesquisas sobre a Amazônia - O povo natural - Recursos minerais - Os japoneses da Amazônia	

### **△ Edição Especial - O futuro da Amazônia**

Reflexões sobre a agricultura Amazonense.....	Kiyomi Sato .....	233
Transformações.....	Masao Nishina .....	236
A realidade Japonesa e a potencialidade da Amazônia, do ponto de vista de um dekassegui .....	Yukiya Kusakari.....	240
O grande mercado da pimenta-do-reino ainda chegará no final deste século .....	Kohei Seko .....	241
Mesa redonda entre anônimos.....		243
O Dekassegui foi a minha salvação.....	Jun Ando .....	251
O ponto de vista vindo do interior da Amazônia .....	Kazumasa Hashiguchi.....	253
O ambiente e a cultura .....	Yoshio Ogawa .....	256
Mesa redonda após a conclusão da edição .....	Susumu Gosso, Gota Tsutsumi .....	259
Palavras finais.....	Joichi Hayashi .....	261

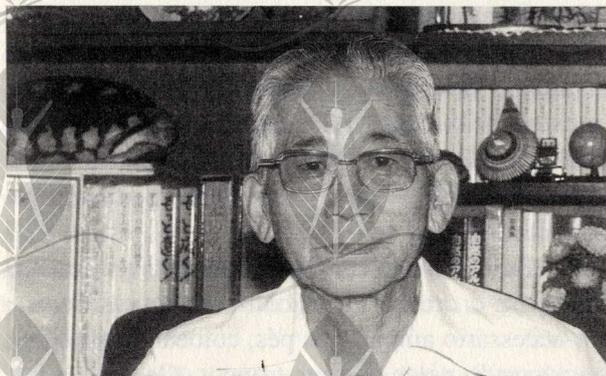
### **Páginas Adicionadas**

Exibição de fotos dos 70 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NA AMAZÔNIA .....	264	
Uma noite inesquecível "MATSURI".....	Midori Makino .....	267
Debate Especial - 70º Aniversário da imigração japonesa na Amazônia .....	271	

## O IMIGRANTE DO PÓS-GUERRA E O TOMATE ENXERTADO

ISSAO KITAGAWA

Residente em Altamira



Sr. Issao Kitagawa

*Belém, Belém,  
Os imigrantes te procuram,  
É tão bom morar, viver em Belém?*

Como diz a paródia que alguém cantou, houve uma fase, em fins de 1950, em que imigrantes do pós guerra, japoneses retirantes do interior amazense, convergiam em massa para a capital Belém

Quaisquer que fossem as causas desse êxodo, era sem dúvida uma medida desesperada de sobrevivência à desilusão, quando os sonhos depositados na emigração à Amazônia eram cruelmente despedaçados no primeiro sítio de colonização.

Não podemos deixar de recordar essa dura decisão tomada pelos pais de família, com poucos recursos e filhos numerosos, sequer tinham a quem procurar em Belém.

" - Belém é uma cidade grande, e nos subúrbios, vivem muitos japoneses do cultivo da hortaliça. Quem sabe consiga chegar até eles!" - assim pensando, entregavam todo o seu futuro em esperanças tão vagas como essas.

Na época, residiam nos extensos arredores de Belém algumas dezenas de famílias de

imigrantes do período pré-guerra retirantes do sítio de Tomé Açú. Produziam pimenta com lucros comparáveis aos de Tomé-Açú. Essas pessoas, movidas pela compaixão que une os companheiros de infortúnio, ofereciam boa acolhida e tratamento aos imigrantes do pós-guerra. Naturalmente por isso, muitos japoneses começavam a viver nessas áreas.

Os que partiam em busca de Belém não tinham outro recurso a não ser procurar, entre os precursores que ali haviam se estabelecido, companheiros de viagem nos navios da emigração, conterrâneos de província ou conhecidos.

Esses precursores, entretanto, mal haviam estabelecido residência e não estavam em condições de oferecer ajuda. Mesmo assim, havia seriedade tanto por parte de quem procurava auxílio como dos que se dispunham a oferecê-lo.

Consultas eram realizadas, todos se mobilizavam para ajeitar, os recém-vindos, de alguma forma. E assim a população de japoneses desde Coqueiro a Santa Isabel, Castanhal e Capanema, enfim, na área limítrofe à rodovia Bragança se duplicava, triplicava, decuplicava. Viam-se japoneses por toda a parte.

Contudo, a situação financeira era uniformemente precária para todos, muitos se desfaziam de seus relógios, bicicletas, e até penhoravam máquinas de costura para adquirir terreno ou custear a vida, precisavam iniciar a plantação de hortaliças o quanto antes, para obter o sustento.

Era possível cultivar qualquer espécie de hortaliça exceto cebola e batata. Assim, as sementes que haviam trazido do Japão eram de grande utilidade.

Havia porém problemas no cultivo do tomate e da berinjela: cresciam normalmente, mas na época da formação dos frutos, eram dizimados pela praga do apodrecimento da muda.

Essa praga infestava todos os arredores de Belém, impedindo o cultivo do tomate. Algumas vezes, era possível colher o tomate livre da praga em áreas conquistadas da floresta virgem e onde a queimada havia sido completa, quando a plantação era iniciada após as chuvas. Os tomates que se viam nos mercados de Belém eram por esse motivo escassos e provinham dessas áreas. O seu período de produção era curto, e o seu preço se equiparava à carne bovina.

Felizmente, e como por milagre, surgia porém justamente nessa época um processo de cultivo baseado no enxerto que evitava a praga, que se popularizou rapidamente entre os japoneses. Assim, os retirantes que chegavam a Belém nessa fase puderam, desde o início, dedicar-se ao cultivo do tomate.

Existe na Amazônia uma espécie de berinjela, natural da região, chamada jurubeba. O tronco e o caule da mesma são dotados de espinhos detestada pelos habitantes da região, era, no entanto, completamente imune à praga.

Uma variedade desta espécie denominada juá, de tamanho um pouco menor e com folhagem parecida com a da beringela, prestava-se para o enxerto. Quando adulta, produzia flores brancas em forma de cacho, que formavam frutas vermelhas do tamanho da ponta do dedo mínimo.

Extraíam-se as sementes das mesmas, colhiam-se os brotos, que eram plantados nas hortas para servirem de matrizes, às quais se enxertavam as pontas de tomate, plantadas à parte.

Era impossível executar o enxerto sob o sol escaldante do equador. Iniciava-se pois o trabalho ao entardecer, quando a temperatura tornava-se amena, e continuava-se noite a dentro sob a luz dos lampiões e do ataque dos mosquitos, algumas vezes até o amanhecer. Costumávamos contratar trabalhadores da região para suprir a falta de mão-de-obra, mas o enxerto era sempre executado por pessoas da família, e tanto quanto sabemos, nunca por esses trabalhadores contratados - tal o cuidado com esse trabalho, quase uma cerimônia sagrada.

Um por um, o enxerto era feito pelos que manejavam instrumentos de corte e pelos que trabalhavam com linhas para amarrar, unidos em um só espírito de prece a Deus.

Na manhã seguinte, os enxertos de tomate estavam eretos e alinhados. Mas à medida em que o sol se levantava e a temperatura subia, eles começavam a murchar e acabavam tristemente por se curvar. Dizíamos então que eles estavam "em mesura respeitosa" e ficávamos frustrados. Na manhã seguinte, alguns dos enxertos haviam absorvido a umidade durante a noite, e estavam novamente eretos.

Puxa, que bom! Mas a alegria acabava durante o dia, quando os enxertos voltavam à "mesura respeitosa". Decorrida esta sucessão diária de alegrias e frustrações, quase todos os enxertos se fortaleciam. A satisfação nessa hora era indescritível.

Quando o enxerto se completava e o tomate começava a crescer, o trabalho se intensificava. Era necessário amparar os pés, colocando suportes e amarrando neles os seus troncos. Os pés de juá podados reagiam raivosamente produzindo brotos, que deviam ser eliminados, se não o tomate não crescia. Se a região do enxerto engrossasse, as amarras deviam ser cortadas imediatamente, para não deixá-las encravar na casca.

Todas as semanas, os pés deviam ser irrigados com pesticidas, adubados, e para melhorar a ventilação, podados e a área carpida. Deviam ser irrigados na seca, e drenados no período das chuvas.

Ao mesmo tempo, novas hortas deviam ser preparadas, novas mudas plantadas e novos enxertos realizados.

E assim se iniciava a vida atarefada do produtor de hortaliças, sem domingos nem feriados, sem descanso o ano todo - todos eles, não apenas o plantador de tomates. Uma vez nessa vida, era difícil sair dela.

A palavra "operação bicicleta" aplica-se perfeitamente à produção de hortaliça. Mas a "operação bicicleta" no Japão é forçosamente interrompida durante o inverno. Na Amazônia, o inverno não existe, e assim, também, a oportunidade de descanso.

Mesmo aqueles que já haviam conseguido alguma margem de folga em suas vidas não se permitiam descansar, pois pretendiam atingir tão cedo quanto possível o padrão de vida dos imigrantes pré-guerra.

Dessa forma, os imigrantes do pós-guerra haviam moldado para si um estilo de vida cruel, em que a fase de trabalhos pesados do campo se perpetuava ano após ano, fazendo-os gemer.

Diziam que o preço do tomate se igualava ao da carne, mas para nós, isso não passava de lenda.

Muitos imigrantes japoneses passaram a produzi-lo utilizando a técnica do enxerto. A quantidade produzida de tomates crescia gradativamente, invadindo as bancas de hortaliças dos mercados com a sua cor vermelha.

Naturalmente, o seu preço caía e o seu consumo aumentava. Aliás, isso se dava com todas as hortaliças. A produção em quantidade das hortaliças pelos japoneses levava a uma queda dos preços de mercado e produziam um surto de consumo.

A população em geral não habituada ao consumo, começava a introduzi-las em seu hábito alimentar, enriquecendo a sua mesa e melhorando a sua nutrição. Isso, acreditamos, foi uma contribuição dos imigrantes de pós-guerra.

Participantes que fomos do êxodo para os subúrbios de Belém, a nossa salvação foi a produção de hortaliças, com a qual conseguimos adquirir o nosso terreno e tornar-nos produtores independentes, cumprindo o primeiro objetivo da nossa emigração para a Amazônia.

Contudo, um ano ou dois nessa vida fazíamos concluir, por experiência própria, que a produção de hortaliças não rendia lucros que compensassem o pesado trabalho e não poderia ser uma atividade duradoura no clima de forte calor dessa região. Sonhávamos com a produção da pimenta, um produto para o ano-todo. Enquanto produzíamos hortaliças, reservávamos um canto da horta para a sua produção, preparando-nos para um dia, transformá-lo em plantação.

Dessa maneira, fomos aos poucos abandonando a idéia de produzir hortaliças, e dirigindo os nossos esforços para o cultivo da pimenta e para outras atividades, como por exemplo, a granja.

Muito nos auxiliou nesse redirecionamento de nossas vidas, o Banco do Brasil, por intermédio do seu financiamento à agricultura.

Repetimos: a maior parte dos japoneses

estabelecidos nas proximidades de Belém eram retirantes dos sítios de colonização organizados em diversas regiões da Amazônia, para onde foram encaminhados pelas agências locais do governo japonês.

Do ponto de vista japonês, éramos desertores.

Mesmo que esses desertores tivessem se agrupado em grande quantidade e realizado surpreendentemente um bom trabalho sob a direção de outros, do período pré-guerra, as agências locais do governo japonês não poderiam elogiá-los ou prestar-lhes auxílio financeiro para não incentivar a deserção. Isso talvez tenha levado o governo japonês a hesitar.

Mas nessa hora, o Banco do Brasil nos socorria com o seu financiamento, sem questionar a nossa condição de retirantes. Bastava reunir as condições necessárias para que os fiscais fizessem uma avaliação da fazenda e aprovar o financiamento. Aflitos por ter perdido o apoio do governo japonês após o abandono do sítio da imigração, deparávamos com um financiamento de grande volume a longo prazo e juros reduzidos. Tamanha foi a nossa surpresa que nos indagávamos por que o governo brasileiro se mostrava tão generoso para conosco, estrangeiros.

E assim prosseguia a mudança de rumos na produção de hortaliças. Um novo acontecimento nessa época veio a incentivar ainda mais essa mudança: juntamente com a construção de Brasília, a nova capital do País, o governo havia concluído a estrada Belém-Brasília que estava em construção. Os meios de transporte disponíveis entre Belém e o sul do País se limitavam, até então, apenas ao avião e ao navio. A economia de Belém se adaptava a essa situação precária e se estabilizara, mas a estrada traria uma forte transformação. Transformação à parte, os japoneses produtores de hortaliças eram sacudidos por um grande choque.

Nessa época, o mercado de produtos agrícolas de Belém se instalava à margem do caudaloso rio Amazonas, para onde convergiam os produtos transportados por via terrestre e fluvial para serem comercializados. As vendas eram efetuadas tanto no varejo como no atacado. Ali compareciam os produtores japoneses de diversas

regiões, e todos os dias, o mercado reunia japoneses não somente para o comércio, mas também, para socialização e troca de informações.

De repente, nesse mercado, surgiam produtos de São Paulo. A sua qualidade era de arrebatá-los os olhos. Alguns tomates cultivados por enxerto chegavam a ser grandes e de bom colorido, mas os de São Paulo eram todos grandes e coloridos. Quanto às tangerinas, enquanto a amazonense tinha uma casca solta e a polpa leve, as de São Paulo, era só retirar-lhes a casca fina para se deparar com uma polpa consistente e reluzente, com o dobro do peso da amazonense. Não éramos páreo, tanto em quantidade quanto em qualidade.

Com o mercado dominado por produtos sulistas, o semestre final de 1960 caracterizava uma fase de procura desesperada por atividades alternativas, como a produção da pimenta e a granja,

Embora houvesse entre as hortaliças alguns produtos locais como as verduras, que competiam com vantagem com os de São Paulo e sobreviviam no mercado, não havia como o tomate enxertado competir com os do sul, produzidos em massa em áreas apropriadas para o seu cultivo. Foram desaparecendo aos poucos até a extinção.

Não se encontra atualmente um só produtor de tomate enxertado em juá, e nem haverá de ressurgir algum dia.

Mas nós, imigrantes do pós-guerra que viemos um dia do Japão para um país desconhecido e depositamos o destino da nossa família no cultivo do tomate enxertado, jamais haveremos de esquecer as angústias e as provações dos anos dedicados a ele e também os seus resultados que nos trouxeram aos dias de hoje.

A você, tomate enxertado, o nosso muito, mas muito obrigado!

---

## EDIÇÃO ESPECIAL - Memórias da época

# A EXPERIÊNCIA FRACASSADA DA COLÔNIA DO GUAMÁ

**MASARU INOUE**  
Residente em Castanhal



Sr. Masaru Inoue

Gostaria de iniciar as minhas recordações desde a vida a bordo do navio de imigrantes Brasil Maru, que transportava imigrantes destinados à colônia do Guamá, estabelecida à margem do rio do mesmo nome, afluente do Amazonas. Havíamos apostado a plenitude da nossa juventude nessa empreitada, coisa de 30 anos atrás.

Diz o ditado: "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura". Com esse espírito, lançamo-nos às cegas à agricultura em várzea.

É difícil descrever o que se passou nessa

fase. Portanto, quero escrever sobre as causas que levaram ao fracasso essa colonização de grande amplitude, para onde 150 famílias foram destinadas.

A minha mulher achava excelentes as condições constantes do recrutamento para a colônia do Guamá. Estava pronta para partir, e se julgava líder do grupo de senhoras do contingente pioneiro.

Pequenos lavradores de horta no Japão poderiam tornar-se proprietários de terrenos extensos. Aproveitando as condições da escolha do terreno, poderiam tornar-se grandes lavradores. E como levava recursos destinados ao investimento inicial suficientes para vinte pessoas, a minha mulher não alimentava dúvidas a cerca do sucesso.

Diz o ditado: "Não existe bonzo (sacerdote budista) principiante dono de um templo"

(provérbio japonês). Assim, não acreditava que pudesse tornar-me um fazendeiro ou milionário.

Se as condições do terreno escolhido fossem boas, seria até possível obter riqueza tanto espiritual como material, e formar uma comunidade ideal.

Na minha terra natal, outros candidatos aguardavam as minhas boas notícias. Um ano seria necessário para estudar a situação e servir -lhes de cobaia. Após isso, com certeza atenderiam em grupos ao meu convite.

A bordo do navio, os meus companheiros de viagem organizavam mesas redondas e elaboravam projetos de organização do empreendimento agrícola.

O senhor famoso como o melhor produtor de arroz no Japão, dizia que o rio Guamá era rico em elementos fertilizantes, permitindo a produção do arroz sem o emprego de adubo. Isso era uma dádiva divina, hortas irrigadas naturalmente seriam formadas em três meses, teriam ampla extensão, e poderia tornar-se assim, no maior produtor de arroz do mundo, dizia. O criador de gado experiente achava que por ser um país de eterno verão, haveria abundância de pasto verde o ano todo, dispensando o trabalho de produção de feno ou construção de silos.

Os que tinham experiência em fruticultura falavam das dificuldades de produzir frutos em áreas pequenas, pela restrição do uso do solo imposta pela necessidade de produção de alimentos essenciais. Mas na colônia, poderiam plantar à vontade.

O ex-membro da câmara provincial apregoava a necessidade do desenvolvimento das vias de transporte entre a colônia e os centros de consumo.

O ex-prefeito, funcionário público, policial, carpinteiro e ferreiro viera atraído pela colônia do Guamá porque ela possuía condições de tornar-se uma colônia maravilhosa.

*"Guamá, Guamá,*

*Os espíritos anseiam por tí*

*É tão bom morar, viver em Guamá?"*

Ouve-se uma paródia da canção "O trigo e o soldado"

O caudaloso rio Amazonas se parecia com o rio Yang Tse, da China Central.

Finalmente desembarcamos e pisamos o solo brasileiro.

Os imigrantes eram recolhidos em um abrigo cercado de madeira, para escapar da chuva. Ouvia-se depois o coaxar dos sapos.

Soubemos então que não havia divisão de terrenos, nem casas construídas. Devíamos por algum tempo morar em quartos de madeira mal cheirosa. Imediatamente, mulheres e crianças ficaram chocadas e começaram a protestar.

Precusores da primeira leva de colonos que já se achavam ali haviam construído casas sobre pilares à margem do rio para morar. Estavam lavando roupas em águas turvas.

As pessoas do segundo contingente também estavam morando em residências provisórias à margem do rio. A eles perguntei: "- Estão construindo casas no terreno elevado, na área interna da colônia?" Veio a explicação: "- O leito do rio se torna tanto mais raso quanto mais se vai ao interior. Por isso, nunca deixa de existir desertores nessas áreas. Aquí onde estamos, o leito é mais profundo.". Que droga, fui enganado!

A confusão logo na chegada fez com que o *Kaikyoren* (Nota: Abreviação de *Kaigai Kyokai Rengokai* - Federação das Associações Ultramarinas, organização filiada ao governo japonês que efetuava recrutamento, seleção e transporte de emigrantes para o exterior) viesse apaziguar os ânimos, mas só restavam terrenos de fácil alagamento, esses mentirosos deslavados, de nada servia enfurecer-nos, chorar, pois não nos retornariam ao Japão. Lamentei a ingenuidade de ter caído em um conto do vigário. Mal conseguia consolar os meus familiares, uma vez conduzidos ao sítio da imigração, os imigrantes não passavam de ratos encurralados. Éramos reféns do terreno insalubre.

Começava a vida em que ingeríamos água barrenta e mergulhávamos os pés e as mãos em lodo, havia distribuição de víveres, o suficiente para não morrermos de fome. Existiam pessoas que nada faziam, e só pensavam em como escapar dali.

Podia-se retirar apenas dez mil ienes por mês do nosso fundo de cem mil ienes para a agricultura. Utilizá-los para abandonar a colônia era assim um plano para um ano, eu estava

impedido de sair, acorrentado pelo dinheiro. Era um fundo destinado à agricultura, suficiente para vinte pessoas.

A área desbravada não estava queimada. O meu vizinho esparramava umas vinte latas de óleo para a queimada e iniciava o preparo do terreno para a plantação de arroz sem nenhum planejamento, mas era porque estava pressionado pela chegada da estação chuvosa.

Obedecendo à instrução de cultivar o arroz para o próprio consumo do próximo ano, plantavam-se as mudas crescidas entre troncos de árvores abatidas por um processo rudimentar, mergulhando os ombros na água. Lamentavelmente, a imigração para o plantio do arroz dava os seus primeiros passos dessa maneira.

Embora a qualidade da produção fosse excepcional, em dois anos a plantação estava tomada por ervas e consumida por ratos e pássaros.

As espigas eram colhidas, ajuntadas e batidas para derrubar os grãos, e expostas ao vento para a seleção. Assim, só se podia garantir o volume de manutenção. Descobrimos que não era possível comercializar a produção.

As águas do rio Guamá transbordavam e invadiam a lavoura ressecando a plantação. Carregava a terra e expunha o barro vermelho. O rio Guamá era assustador. Engolia os imigrantes, fazendo crescer a quantidade de túmulos, ano a ano. O desespero dos familiares era um fator de deserção.

O transporte fluvial passava a ser uma necessidade imprescindível. Entretanto, trafegar em canoas era arriscar a vida. Eu próprio experimentei naufrágios por diversas vezes, escapando por um fio da morte certa.

Para controlar a colônia, era preciso controlar o rio Guamá. Pretendia adquirir um barco a motor com o fundo de comercialização que possuía. Queria conseguir um meio de transporte para os colonos, já quase 200 famílias, e para isso, conseguí ajuntar interessados. Encontramos até o barco, mas o fundo que trouxera estava congelado pelo *Kaikyoren*.

A solução passava às mãos dos experientes em política. O proprietário de um barco estava em dificuldades com a venda de passagens, e iniciou-

se uma negociação para o aluguel do seu barco, a estabilidade não era muito boa, mas o acordo para o aluguel foi fechado com esse barco de quatro toneladas de capacidade. Iniciavam-se as viagens entre a colônia do Guamá e Belém.

Podia ser apenas uma suspeita, mas achava que o *Kaikyoren* estava desviando o meu fundo. Só podia ser, pedi para liberá-lo o quanto antes possível, mas não o faziam. E algum tempo depois, entregavam-me uma carta oficial do chefe do Departamento de Colonização, da minha terra, para que, na condição de imigrante, fosse devidamente parcimonioso, etc. Enfim, uma reprimenda.

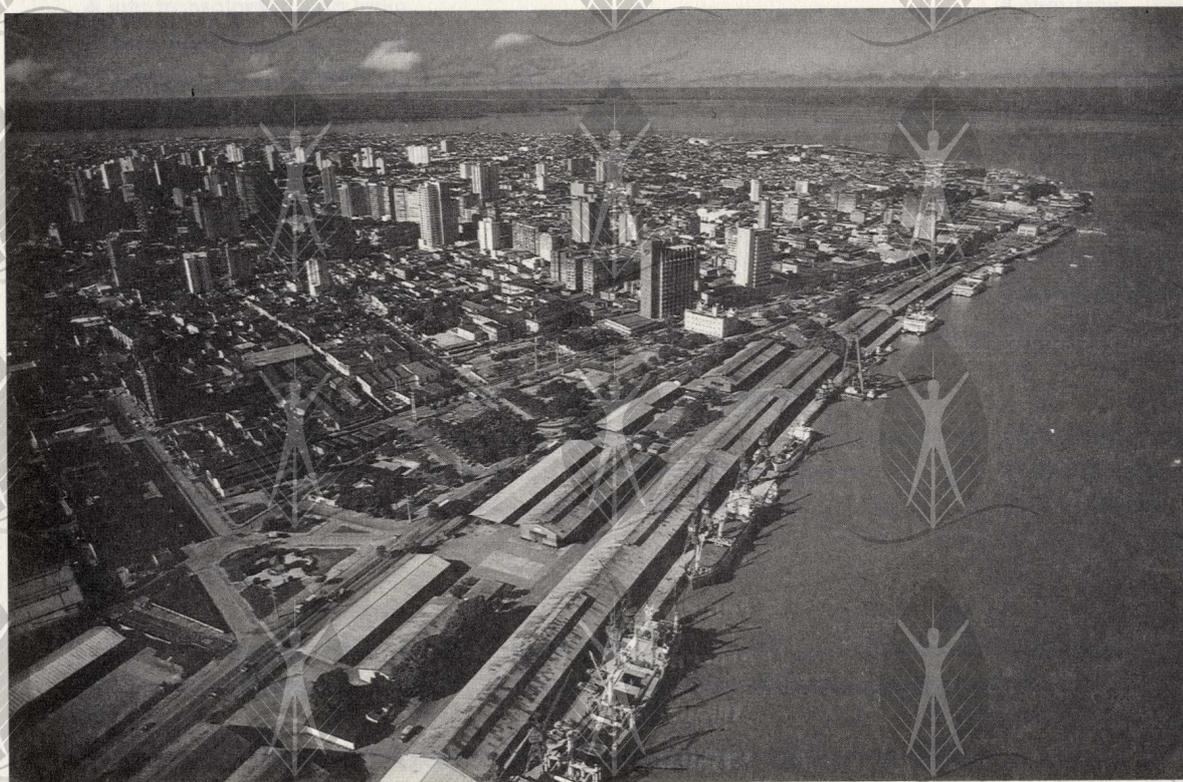
Desde então deixei de pedir, e continuei a me dedicar em produção experimental para a agricultura de várzea. Plantei 2 mil pés de borracha, 4 mil de cacau, 9 mil de urucu e administrei a expansão dessa plantação, transformando-a em fazenda modelo da colônia do Guamá, atraindo grupos de visitantes interessados em pesquisas e observação.

Esse foi o período áureo da colônia do Guamá.

O repolho, produto adequado ao terreno, embora produzido na seca deu sustento a todos e possibilitou a formação de fundos para a saída da colônia.

# **70 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NA AMAZÔNIA**

(Baseado no livro comemorativo aos 60 anos da Imigração Japonesa na Amazônia,  
editado em setembro de 1994)



Belém

**ASSOCIAÇÃO PAN-AMAZÔNIA NIPO-BRASILEIRA**



## **AVISO**

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**